

## EDUCAÇÃO FILOSÓFICA MUITO ALÉM DA CIDADANIA DE PAPEL

*Walace Soares de Oliveira<sup>1</sup>, Sara Luize Oliveira Duarte<sup>2</sup>, Adriana Leônidas de Oliveira<sup>3</sup>*

<sup>1</sup> Faculdade São Mateus - Porto Velho - RO, [walace.so@gmail.com](mailto:walace.so@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade de Taubaté, Mestranda em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Exp. Ernesto Pereira, Portão 2 - Taubaté - SP - 12030-320, [saralod@msn.com](mailto:saralod@msn.com)

<sup>3</sup> Universidade de Taubaté/Professora Doutora do Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Universidade de Taubaté, Rua Visconde do Rio Branco, 210, Centro, 12020-040, SP, [adrianaleonidas@uol.com.br](mailto:adrianaleonidas@uol.com.br)

**Resumo** - Este ensaio teórico tem como objetivo propor reflexões e discussões acerca da importância da Educação Filosófica como instrumento principal da construção de uma nova cidadania. O método de pesquisa utilizado foi o bibliográfico. Constata-se que após a última crise mundial, o sistema hegemônico global se mostrou fragilizado necessitando de reflexões profundas sobre si e sua ideologia. O Século XXI é rico em novos paradigmas remetendo os cidadãos a reflexão e discussão sobre a Ontologia e o Estado atual. A crise do Estado diante do capital e a reificação dos valores, agora trocado por um valor maior chamado consumo, leva a sociedade a refletir em busca de uma cidadania que seja real ao invés de vivenciarmos uma cidadania de papel. As atitudes contemporâneas de nossa sociedade nos alertam para a necessidade premente da reflexão do papel da cidadania e de como ela deve chegar a todos. Concluiu-se que ser cidadão significa construir a cidadania praticando-a ao exercê-la, e no mundo atual ser cidadão vai muito além de direitos ou deveres; atualmente ser cidadão nos remete a nos percebermos como seres globais com responsabilidades sociais.

**Palavras-chave:** Cidadania, Cidadania de Papel, Educação Filosófica.

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas

### Introdução

A educação é inerente à própria condição humana. Desde o momento em que o ser humano ficou ereto, olhou de frente o seu destino e vislumbrou no horizonte um mundo a ser conquistado. Alguns fatores foram de suma importância nesse processo de evolução e conquista. Primeiramente a sua condição de ser social em seguida o desenvolvimento intelectual. A união desses dois fatores lhe permitiu a constituição daquilo que chamam de cultura desprovida de garras, pêlos ou qualquer condição peculiar à maioria dos animais, o homem tem, na inteligência e na sua condição social, grandes diferenciais. O conhecimento passou a ser dividido socialmente. As informações foram transformadas na arma que alterou o meio em que ele viveu e vive. Kant observou essa condição humana relacionada à educação, quando afirmou:

O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Conseqüentemente, o homem é infante, educando e discípulo. (KANT, 1996, p.11).

Em primeiro lugar, a condição de grupo social lhe deu as forças necessárias para a conquista

inicial. Unidos, os seres humanos potencializam probabilidades de sobrevivência que não teriam sozinhos. O conhecimento torna-se primordial na evolução humana. Dominando o meio ambiente lentamente, a sua transformação se dá pela conquista do fogo, da agricultura, do ferro, enfim, lhe confere presença cada vez mais superior.

Esse conhecimento, sua manutenção e continuidade ocorrem pela educação. A educação é o instrumento que propicia a passagem da informação de uns para outros e de geração para geração. Neste sentido, este artigo busca discutir que a cidadania é algo construído em sociedade e, principalmente, com o auxílio da educação. E o instrumento mais apropriado para essa construção é a educação filosófica. Desde a cidadania grega, a educação filosófica tem papel transformador como construtora de conceitos, como instauradora de reflexões sobre esses próprios conceitos e ainda sobre crenças, enfim é o dispositivo que deflagra o comportamento questionador da sociedade. Várias perguntas são feitas nesse momento. Que cidadania é esta? Para qual educação? Qual é a educação correta para a cidadania? Hoje realmente terá efeito essa educação e essa cidadania? O que é melhor: preparar para a cidadania ou para o mercado de trabalho? Partindo desses questionamentos, este

artigo tem como objetivo propor reflexões acerca da importância da Educação Filosófica como instrumento principal da construção de uma nova cidadania.

### Metodologia

Foi realizada uma pesquisa exploratória, com base na pesquisa bibliográfica. GIL (2007) aponta que a pesquisa exploratória é desenvolvida no sentido de proporcionar uma familiaridade com o problema, tendo como objetivo principal o aperfeiçoamento de ideias. Para a fundamentação teórica foi feita a pesquisa bibliográfica, obtida por meio de livros, artigos, dissertação dentre a consulta a outras fontes.

### Resultados

A educação não se dá somente pelo conhecimento, mas também por valores morais. Educa-se tanto na família (informal) quanto na escola (formal). A educação é propriamente a condição não somente de conhecimento ou de valores morais, mas de transformação humana. Dessa forma, a reflexão do tema leva para além da condição da cidadania. Há também uma reflexão mais profunda da sociedade e da pessoa ela é uma questão ontológica. Ou, nas palavras de Morin:

Quantos sofrimentos e desorientações foram causados por erros e ilusões ao longo da história, e de maneira aterradora, no séc. XX. Por isso, o problema cognitivo é de importância antropológica, política, social e histórica. Para que haja um progresso de base no séc. XXI os homens e as mulheres não podem mais ser brinquedos inconscientes não só de suas ideias, mas de suas próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez. (MORIN, 1999, p.33).

Valorizar algo, tornando-o importante ou não dentro daquilo que poderá ser considerado como certo ou errado, é difícil, mas necessário. Hoje, os valores estão em crise, portanto os referenciais também entraram em crise. Lipman (1990, p.69) oferece apoio para uma reflexão sobre valores quando coloca que "os valores morais representem apenas uma categoria de valores entre muitas, seria difícil negar que ética é a área mais crucial para a educação de valores". Os valores são diferentes e necessários para a composição social. Existem diversos tipos de valores, a exemplo os estéticos, religiosos, intelectuais, de utilidades, mas, também aqueles especificamente morais, tais como, consoante Cortina (2005, p.177), "a liberdade, a justiça, a solidariedade, a honestidade, a tolerância ativa, a

disponibilidade para o diálogo, o respeito pela humanidade nas outras pessoas e na própria".

No momento, é importante levantar três valores morais enumerados por Cortina basicamente pensados a partir da proposta de construção da cidadania pela educação:

Os valores morais se especificam a partir dessa perspectiva pelo seguinte: 1) Depende da liberdade humana, o que significa que cabe a nós realizá-los. 2) Precisamente por isso não podem ser atribuídos nem aos animais, nem às plantas, nem aos objetos inanimados. 3) Uma vida sem esses valores carece de humanidade, por isso os universalizaríamos, ou seja, estaríamos dispostos a defender que qualquer pessoa deveria tentar realizá-los, caso não quisesse perder em humanidade. (CORTINA, 2005, p.177:178).

O que é preciso ressaltar em relação às considerações sobre o valor, na educação, é justamente que a condição humana, não só de sociedade e cidadania, se estabelece quando observamos o grau de valor que damos às coisas, com relevo para os chamados valores morais. Eles são norteadores da conduta necessária para uma construção da cidadania. Os valores não são estáticos, ao contrário, são dinâmicos e se alteram conforme determinadas situações são incorporadas pelas sociedades, principalmente em relação a determinadas épocas e culturas. Situações rejeitadas em um período acabam se reorganizando e sendo aceitas num outro momento, mais adiante historicamente.

Esse movimento foi extremamente lento até a chegada da revolução industrial. A necessidade de mudança rápida imposta pela ideologia capitalista acelerou a transformação dos valores morais, de centenas de anos para poucas décadas. Lipman afirma:

Os valores estão presentes em todas as áreas da experiência humana. O que não era importante ontem pode tornar-se de extrema importância amanhã. Assim, a conservação de valores ambientais é exigida no século vinte com uma intensidade desconhecida nos séculos anteriores. Mesmo quando estamos discutindo as crenças sobre assuntos importantes, em vez dos próprios assuntos, é óbvio que não há nenhuma área da experiência humana onde as pessoas não façam algum esforço em distinguir o melhor do pior, ou onde gostos e preferências não prevaleçam num estado relativamente não examinado. Em todas as sociedades há poupança – esforço em ampliar os "bens". Em toda sociedade há discriminação do que é belo em contraste com o que é feio, do que é saboroso em contraste com o que é desagradável ao paladar, do que está dentro ou está abaixo da dignidade dos seres humanos, e tudo isso envolve julgamento de valor. (LIPMAN, 1990, p.74:75).

Esse processo acontece em nossos dias de maneira muito rápida o que não permite uma assimilação adequada deles e seus significados.

Segundo (OLIVEIRA, 2007) o mundo da globalização baseado na tecnologia e naquilo que se chama de tempo real, não permite a adaptação adequada dos valores à sociedade. O que acontece é que na atualidade a sociedade é baseada no consumo e na possibilidade das coisas se transformarem em mercadorias para serem consumidas. O que equivocadamente criou uma cultura fundada no consumo como desejo norteador de valores na sociedade atual. Nota-se principalmente o início desse processo na virada dos anos 80 para os 90 do século XX e com seu ápice em nossos dias. Nas palavras de Oliveira:

Os sistemas político e econômico não entram em harmonia com o significado de identidade que nos leva a orientar ações voltadas aos direitos e deveres, já que, no liberalismo, com a concessão de uma obrigação, automaticamente surge um direito. O que se quer enfatizar nesse momento é que, mesmo adversa à ordem mundial, a ideia de cidadania existe e questiona a si e ao sistema vigente, buscando a civilidade. O processo de globalização na atualidade é gerador desse antagonismo entre liberais e comunitaristas. (OLIVEIRA, 2007, p. 53)

De acordo com Löwy e Nair (2009) devem-se pensar as crises como expressão da totalidade que é a sociedade, dessa forma não é possível conceber essas crises: do sistema financeiro, das instituições, do trabalho, da produção e consumo e xenofobistas, afinal, elas demonstram a crise do modelo de civilização atual. Refletir a sociedade para poder transformá-la é um papel da filosofia, e com certeza um papel político, buscando a reflexão da atual sociedade humana e o papel da cidadania nessa nova sociedade aliada à educação. As transformações efetivas são aquelas reflexivas e que pode ser transmitida, afinal, a reflexão humana deve ser contínua, já que produzimos constantemente transformações e reflexões de quem somos individualmente e socialmente traduzidos como sociedade. Esse novo século que se principia pede uma nova cidadania, afinal vivemos um novo mundo em que a sua reflexão é premente.

O mundo atual necessita de novas posturas, entretanto a globalização também leva ao conhecimento de todas as mazelas produzidas por ele para todos e, portanto a responsabilidade da sociedade também é cobrada em suas atitudes e não mais por discursos. Dessa forma a educação filosófica tem um papel a ser discutido na possibilidade da reflexão para a busca das atitudes mais adequadas para esse novo mundo, mas esse papel fica bem claro quando se assume a cidadania como condição *sine qua non* para a construção da sociedade para esse novo século.

A questão é discutir a educação filosófica e o seu papel na construção da cidadania. E o que

vem a ser essa educação? Em primeiro lugar, ela é a pedagogia que ajuda a construir a cidadania. O que se percebe a respeito da construção da cidadania, até aqui, é que a educação é um dos caminhos para a construção do indivíduo e dessa forma, para uma tradução da expressão social, o cidadão. A Declaração de Paris para a Filosofia, de 1995, aponta os indicadores dessa construção:

Sublinhamos que o ensino de filosofia favorece a abertura do espírito, a responsabilidade cívica, a compreensão e a tolerância entre os indivíduos e entre grupos reafirmaram que a educação filosófica, formando espíritos livres e reflexivos – capazes de resistir às diversas formas de propaganda, de fanatismo, de exclusão e de intolerância – contribui para a paz e prepara cada um a assumir suas responsabilidades face às grandes interrogações contemporâneas, notadamente no domínio da ética. (UNESCO, 1995, p.01).

Essa transformação se dá nos processos diretos e indiretos da educação, ou seja, pela educação formal e informal. A sua virtude aparece nas diferenças culturais apresentadas pelo ser humano. Porém as desigualdades sociais se repetem, em eterna imperfeição. A escola é o espaço onde se consolida uma das características mais importantes da cidadania, a identidade. Lipman orienta para a importância do espaço escolar:

Em suma, as escolas devem preparar os estudantes para a cidadania fornecendo-lhes toda apresentação e participação possível nos diversos procedimentos racionais que caracterizam a sociedade adulta – na lei, na diplomacia, nas negociações trabalhistas, na vida empresarial; onde quer que as pessoas intervenham, pesquisem, critiquem, examinem precedentes e tradições, considerem alternativas e, em resumo, raciocinem juntas ao invés de apelar para a arbitrariedade e violência. Somente por essa participação ativa na práxis democrática e institucional é que os jovens estarão preparados a exercitar a cidadania quando se tornarem adultos. (LIPMAN, 1990, p.79).

Educação para a cidadania implica educar para o desenvolvimento social. Educar dessa maneira é dar oportunidade a todos de obter o direito inquestionável e intransferível da construção autônoma, feliz e sábia do indivíduo social, o cidadão. Educar para ser ele o próprio ator social da construção de sua história. Um ser envolvido plenamente, consciente dos seus valores, de sua cultura e de outras culturas.

Julgamos que o desenvolvimento da reflexão filosófica, no ensino e na vida cultural, contribui de maneira importante para a formação de cidadãos, no exercício de sua capacidade de julgamento, elemento fundamental de toda democracia. (APPEL, 2005, p.1).

Justamente aí se dá a alquimia da transformação. É quando o indivíduo se torna apto

a ter no conhecimento essa capacidade de reflexão, não só de saberes e valores, mas de ser ativo, com direito a voz na sociedade em que vive.

### Discussão

A ação da educação filosófica tem um papel eminentemente político. Afinal, a essência humana é política e a atuação da educação é a transformação. Por isso, a pedagogia contemporânea baseia-se na crítica, postulando que a ação dialógica se faz necessária para o crescimento da consciência dos seres sociais pela participação e não pela omissão. A reflexão é uma arma necessária e importante para fixar as bases da identidade e da cultura de todos, principalmente quando aprendemos que não devemos nos tornar omissos e sim atuantes, especialmente no meio social no qual estamos diretamente inseridos.

É preciso estimular o diálogo e delegar responsabilidades na medida certa de maturação pertinente a cada momento do educando, para que os seus movimentos conduzam para a busca de resoluções das problemáticas vividas por ele. Durante esse processo, ele deve tomar consciência de que faz parte da sociedade. É de suma importância garantir a oportunidade de expressar a própria reflexão e buscar, por meio dela, um diálogo no qual todos possam construir juntos, a solução para qualquer tipo de problema. Freire diz:

A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele se instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. (FREIRE, 1987, P.81).

Dessa forma, é sempre necessário que o educador instigue no educando a rigorosidade metódica, pois é o aprofundamento além do tema que nos leva a uma reflexão da realidade e a compreensão sobre o que está contido na sala de aula pode ser extrapolada para a vida. Essa é uma descoberta interessante, mas normalmente o educando reclama da falta de praticidade daquilo que se busca que ele aprenda. Dificilmente ele entenderá que é no conjunto da obra que é apreendido o que lhe servirá para a compreensão do mundo em que vivemos.

Ensinar cria uma relação em que educando e educador são seres ativos da construção do conhecimento, buscando a compreensão por meio de um diálogo crítico sobre a realidade. Ou, como Freire exemplifica:

E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível, a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. (FREIRE, 2003, p.26).

A educação filosófica, além do caráter de rigor do método, tem a necessidade da constante curiosidade despertada na relação educando/educador, em que ambos buscam, nessa curiosidade, compreender a complexidade das relações a sua volta. Essa é a transformação da curiosidade inata em uma curiosidade metodicamente rigorosa, ou, como diz Freire (2003, p.29), “transita da ingenuidade para o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’.” Vencemos o senso comum transformando curiosidade em resultado de pesquisa.

Como se sabe, o senso comum é a primeira forma de conhecimento, mesmo que informal. Ele produz determinados conceitos que necessitam ser superado para não manter a mente na ignorância e, principalmente, fabricar preconceitos. Necessita de uma orientação para o bom senso e daí para o conhecimento propriamente dito, fechando o ciclo de entendimento para a construção dos saberes. Assim, não se deve descartar o respeito aos saberes já existentes que, na sua transformação, ajudam na construção não só do conhecimento, mas também da convivência social. Pois é na realidade de cada um que se encontra farto material para a compreensão e alicerces social e epistemológico como instâncias necessárias para a educação. Lipman mostra com clareza:

Se o fazer da filosofia – a práxis filosófica – é a personificação da racionalidade, todas as fases da infância deveriam ter acesso a essa experiência, tanto por seu prazer imediato, quanto pela preparação que fornece para as experiências pessoais e sociais no futuro. Se tanto a filosofia como a educação estão dividindo a racionalidade como uma meta comum, não pareceria de todo ultrajante argumentar que, fundamentalmente, toda verdadeira filosofia é educacional e que toda verdadeira educação é filosófica. (LIPMAN, 1990, p.62).

Buscar uma educação crítica incorre em fazer uma leitura da sociedade e, muitas vezes, não há interesse em se fazer de fato tal leitura. Afinal, ela poderia expor mazelas do mundo “democrático” em que vivemos e que tanto se defende. Por isso, o indivíduo passa de ingênuo a crítico por meio do conhecimento e pela educação formal. Ora, Freire (2003) argumenta, justamente, que o procedimento metódico rigoroso leva o indivíduo a

uma superação, que é muito mais significativa do que uma ruptura com a realidade. Afinal, ruptura implica separação e superação implica em manter sentimentos e pensamentos evoluídos, que foram superados e não suprimidos no processo. Dessa forma, a manutenção da curiosidade possibilita uma nova aquisição e compreensão do conhecimento. Por esse processo, resultado da curiosidade epistemológica, é que construímos a crítica.

Por isso, também o papel do educador é bastante complicado. Hoje a educação orienta para o mercado, mas o mercado não apresenta a essência humana que o mundo tanto necessita. Dessa forma, encontramos um caminho com a educação filosófica para a obtenção do conhecimento crítico.

Entendemos que a educação se constrói não somente em função de cada um, mas acontece como expressão de todos. Assim, a educação filosófica nos sustenta, dando-nos condição de discernir, optar, observar e escolher, desde que todos tenham, evidentemente, acesso a ela e possam usufruir todas as possibilidades que ela realmente oferece. Todo ser humano experimenta uma transformação após manter contato com a educação. Freire ilustra bem essa ideia, em seu livro *Pedagogia da Tolerância*.

A educação filosófica é a grande possibilidade da construção de uma nova ordem mundial imbuída de um fim único, a reconstrução de um modo não opressor, visando todas as sociedades sem manter o privilégio de um pequeno grupo, seja de indivíduos, seja de nações. Os problemas mundiais devem ser encarados como problemas de todos a serem resolvidos. Este é um grande passo para a construção de um novo ser humano, em um novo século.

O tipo de educação que vem sendo reiterado é muito combatido. Desde a volta da filosofia e sociologia, postulada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1996 sua obrigatoriedade e mesmo com sua promulgação como lei em 2007 nos currículos vêm sofrendo discriminação ainda em alguns estados da união. Para muitos, a volta dessas disciplinas é desnecessária. Hoje, o assunto foi encerrado por força de lei, mas ocorreu uma árdua batalha, na qual filósofos e sociólogos uniram-se para obter tal conquista. A liberdade e a garantia da educação filosófica para todos os indivíduos foram postuladas na Declaração de Paris para a Filosofia, de 1995.

## **Conclusão**

A educação é inerente ao caráter humano, principalmente a educação filosófica. Não se pode imaginar uma educação formada exclusivamente por conhecimentos e saberes, sem a experiência

da educação fundada em conceitos e valores éticos. Não há verdadeiramente outro espaço ou local para a construção de indivíduos éticos a não ser, inicialmente, a família e, em momento posterior, uma concretização de fato, na experiência social da escola norteada por uma educação filosófica voltada para a reflexão e compreensão, na qual os educandos são tidos e tratados como atores histórico-sociais.

A compreensão das ações se dá pela experiência dos conceitos, por sua utilização e construção de novas considerações, elaborando o entendimento da sociedade. Pela experiência dialógica, educador e educando constroem muito mais que puro conhecimento, mas conceitos envolvidos na palavra subordinada a uma ação. A práxis nos mostra que, na educação filosófica, a ética está presente, por ser ela parte fértil deste terreno e seu local de debate. A ética nos diferencia, pois nos coloca ante todos como um ser único, pensante e atuante. E também exige responsabilidade, ou seja, assumir o bem próprio e o do outro, sem restrição e sem privação, pois quando optamos pelo outro não podemos nos privar de nós mesmos. Na construção dessa relação entre educador e educando pela ação dialógica, fundamentada na curiosidade, na ética e na construção social da educação, percebemos que também faz parte desse processo o que Freire chama de "assunção", ou seja, a ação propriamente dita de assumir determinadas questões que identificam o sujeito como participe de um conteúdo mais abrangente, que é o da ação social.

Ora, o indivíduo tem que se assumir como sujeito, mas sem deixar de fazer parte de um contexto onde ele é mais que simples participante, é parte integrante da realização cultural e social do seu grupo. Na valorização da ação dialógica por meio de atos e movimentos, como o de assumir-se sem medos, baseados no respeito entre educador e educando, construímos condições para aquisição de conhecimento e também para a construção da cidadania.

O educador deve respeitar a autonomia e as diferenças do educando e buscar, na ação dialógica, a conquista de um novo momento na relação de ambos, baseado em democracia, ética, liberdade e cultura individual. A educação filosófica se mostra integradora desses conceitos e necessária para a formulação de novos conceitos. Afinal, os sujeitos se realizam num contexto dialético. A autonomia está no pressuposto da liberdade individual usada para a construção de uma libertação coletiva. A autonomia pressupõe responsabilidade para comigo e para com todos.

Acreditamos, assim, que a educação filosófica tem as condições necessárias para despertar a

construção desses conhecimentos, por meio de formulação de conceitos, reflexão, ação dialógicas e experimentação efetiva dessa construção.

Garantir a volta do ensino de filosofia já era bandeira desde 1995, quando o Brasil participou da Declaração de Paris para a Filosofia que diz: “O ensino de filosofia deve ser preservado ou entendido onde já existe criado onde ainda não exista e denominado explicitamente filosofia.”

É essencial lembrar o que foi a supressão de determinadas disciplinas durante a ditadura que causou seqüelas profundas em nossa cidadania. Essa atitude significou muito mais do que simplesmente sua retirada, numa pseudo-reforma curricular. Na verdade, determinou-se o fim da possibilidade de reflexão naquele momento histórico-social com o intuito de excluir a população do processo transformador da realidade afetando aquela geração e as gerações posteriores.

Por muito se tentou manter as disciplinas de filosofia e sociologia fora da grade curricular e longe de quem de fato e de direito deve ter acesso a elas, o educando. Essas disciplinas mereceram especial atenção a partir da LDB (Lei 9394/96), uma vez que esta oportunizou, em grande medida, o tratamento de temas filosóficos e sociológicos nas escolas, embora tenha entendido esses conhecimentos de forma transdisciplinar. Ou seja, os conhecimentos de filosofia e de sociologia deveriam ser tratados no contexto curricular geral desenvolvido pelas instituições. Em todos os congressos de filosofia ou onde o debate democrático se fez presente, a discussão do acesso à educação filosófica se manteve como um desafio a ser conquistado.

É fundamental discutir, refletir sobre as questões aqui propostas, com o intuito de construir mudanças educacionais e sociais concretas. Afinal, utopia não deve ser entendida de modo ingênuo, mas como possibilidade da concretização humana digna, ética e democrática, significando uma verdade que ainda não se tornou realidade.

Sendo a discussão do presente trabalho justamente a questão da construção da cidadania por uma educação filosófica, é importante registrar como tudo começou. Esse material nasceu de uma reflexão da realidade vivida por alunos destes autores, os quais, em sala de aula, tiveram a oportunidade de discutir o mundo de cada um e como ele influencia e afeta a vida desses educandos.

A educação filosófica tem justamente por isso um papel de suma importância quando inserida na educação, pois fomenta e é a liga que une seres humanos diferentes na forma de pensar, mas próximos quando construtores de uma sociedade verdadeira, na expressão do cidadão.

A grande expressão humana atual é a cidadania, mas sua efetivação precisa ser garantida. Seu significado foi banalizado com a consolidação do mundo globalizado. Naturalmente, a educação filosófica é um dos passos para o resgate da nossa condição de cidadãos e da recuperação desse papel. Ela permitiu aos gregos se emanciparem dos deuses e abandonarem os mitos em favor da razão, do pensamento concretizador da condição humana.

### Referências

- APPEL, Emmanuel J. **Filosofia nos Vestibulares e no Ensino Médio**. Disponível em: <<http://www.filosofia.ufpr.br/public/pet02/emmanuel.pdf>> Acesso em 28 de julho de 2010.
- CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo** – para uma teoria da cidadania. São Paulo – S.P.: Edições Loyola, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2003.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella, Piracicaba – S.P.: Unimep, 1996.
- LIPMAN, Matthew. **Filosofia vai à Escola**. São Paulo: Summus, 1990.
- LOWY, Michel e NAÏR, Sami. **Lucien Goldmann Ou a Dialética da Totalidade**. Boitempo Editorial – 2009
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro** 3. ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.
- OLIVEIRA, Wallace Soares de. **Educação Filosófica: uma proposta para a construção da cidadania**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- UNESCO. Declaração de Paris para a Filosofia. 1995.